



EXPERIÊNCIAS

EVADING
THE
DUTY
OF
CARE

MENSAGEM NA GARRAFA: O ARQUIVO COMO APONTAMENTO PARA O FUTURO



JANAINA BECHLER

Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Laboratório Urbano

ELIANA ROSA DE QUEIROZ BARBOSA

Professora no Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio de Janeiro

MARCOS BRITTO

Arquiteto e Urbanista, doutorando do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Membro do Laboratório Urbano

RAFAEL LUIS SILVA

Arquiteto e Urbanista, mestrando do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Federal da Bahia. Membro do Laboratório Urbano

AGNES CAJAIBA

Jornalista e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Membro do Laboratório Urbano

PROCESSOS DE PESQUISA

[...] tudo é movente, entram e saem indivíduos e a configuração muda, portanto é uma questão de configuração e processo (Margareth Pereira, 2021)¹.

Em abril de 2021, durante uma acalorada discussão no grupo de pesquisa Laboratório Urbano² — comum aos momentos de apresentação da pesquisa sobre a qual aqui refletimos — um colega pesquisador pediu a fala em uma reunião remota para nos fazer as seguintes perguntas: *Como a pesquisa se define? Como a pesquisa tem se movimentado e*

como ela está, falando sobre os desejos de existência dela. As questões, colocadas dessa forma, não obtiveram resposta naquele momento. Entretanto, causou assombro observar que se tratava — inclusive para quem estava de fora — de uma pesquisa que se move, uma pesquisa que deseja, que não só deseja, mas atua no desejo da própria existência. Talvez se tratasse de uma agência da própria pesquisa, do seu desejo, que era independente dos seus participantes, um desejo de arquivo, ou um desejo de trabalhar na instabilidade do ato arquivista, que no mais das vezes, questionava o próprio nome *arquivo*.

Este texto relata e reflete sobre a experiência da pesquisa denominada Arquivo_ Laboratório Urbano, pesquisa coletiva que se iniciou em 2015 e que desde então foi sendo composta e se recompondo a partir da atuação de algumas gerações de pesquisadores do próprio grupo de pesquisa Laboratório Urbano, com o objetivo de se debruçar sobre seu acervo, produzindo reflexões sobre sua atuação. O acervo do Laboratório Urbano é composto por publicações impressas e digitais, os números da revista Redobra³, teses e dissertações, atas e anais de eventos organizados pelo grupo⁴, além de um amplo acervo audiovisual, que contém gravações de reuniões, seminários, aulas e eventos⁵. Nós, este grupo heterogêneo que assina o texto, entramos na pesquisa em momentos distintos, a partir de 2017⁶, tendo como elemento que nos une o interesse pela ideia de experiência urbana. Aqui se destaca, portanto, a primeira contradição da pesquisa Arquivo: uma pesquisa com o objetivo de se debruçar sobre um acervo, composta por pesquisadores cujo principal interesse não está nas noções de memória e historiografia, mas na noção de experimentação.

188

Em um primeiro momento, a partir de 2018, buscávamos os aparecimentos dos conceitos de *Experiência Urbana e Produção de Narrativas Urbanas* no material produzido pelo Laboratório, em publicações próprias, ou em pesquisas defendidas por membros do grupo. Fragmentação e montagem dos fragmentos foram duas etapas da metodologia da pesquisa, acreditando que essa maneira de relacionar os elementos presentes na produção desse grupo poderia gerar novas construções do pensamento, tensionando formas de narração da experiência urbana. Uma coleção de palavras nascia com o olhar das/dos pesquisadores envolvidos com esse acervo e as listas ganhavam tabelas e desenhos associativos (disjuntivos também). Como procedimento, a pesquisa se inspirava na prática do colecionador, ou do catador, tão caras aos teóricos Aby Warburg e Walter Benjamin. Benjamin tinha um projeto de historiografia calcado no colecionismo, cujo ato descontextualiza os objetos para inseri-los em novas ordens, as quais serão montadas a cada vez, por cada *tempo presente*; e, por outro lado, na figura do catador, que se volta para o esquecido e para o considerado inútil⁷. Esse material fragmentário coletado seria reunido segundo o princípio da montagem literária, conforme ele nomeou: “como o alegorista-colecionador barroco, ele se volta para o pequeno e aparentemente sem importância para construir seu

painel móvel do século XIX. Este é o cerne da ética da apresentação haurida por Benjamin” (Seligmann-Silva, 2010, p. 62).

As palavras e imagens coletadas, agrupávamos em uma mesa de montagem, aproximando, distanciando e pensando sobre esses movimentos em uma escrita de rastros de impressões, que foram evidenciando algumas marcas temporais nas produções do grupo Laboratório, em torno de ideias, metodologias e parcerias. Essa experiência também tornava evidente a disponibilidade dessa pesquisa para acolher a dispersão que aquele gesto de montagem poderia produzir. Montagem e dispersão, um paradoxo feito em ato, na invenção de outros nexos textuais e imagéticos, desestabilizando, a cada vez, o acervo que tínhamos em mãos.

Durante o período de leituras e produção da fragmentação desse material, alguns conceitos que eram chaves para entendimentos, tensionamentos e problematizações na produção do Laboratório Urbano, gradualmente eram colocados na sombra de outros que, sucessivamente, ganharam maior evidência. Perceber esse movimento temporal nos conduziu a um entendimento do arquivo, em torno de conceitos-tempos que chamamos de marcadores: *Corpo* — da criação do grupo até 2012, surgimento nele da pesquisa PRONEM - Experiências metodológicas para a compreensão da cidade contemporânea; *Experiência* — 2012–2014 — período da pesquisa do PRONEM; *Narrativa* — 2014 em diante — foco surgindo já durante a produção do material oriundo da pesquisa PRONEM, e que foi ganhando força desde então. Esse entendimento temporal-conceitual foi um artifício de criação de um arquivo próprio da pesquisa, conduzido pelo gesto de cada pesquisador envolvido nesse processo, que olhavam o acervo com um filtro-interesse marcado pelas noções de experiência e narração da cidade.

189

Um pequeno acervo de narrativas escritas em primeira pessoa sobrou na primeira montagem que apresentamos ao grupo. Um montinho de papéis que ficou de lado, insistindo como um *fora* consistente, um elemento sem cabimento naquela mesa. Aqueles fragmentos renderam boas discussões sobre os tipos de narrativas na temporalidade que esboçamos, mas definitivamente serviam para entendermos que fazer arquivo era nossa atividade.

ARQUIVO VIVO

No contexto pandêmico em 2020, a pesquisa Arquivo_Laboratório Urbano olhava para a produção do Laboratório nos primeiros anos de publicação da revista Redobra e do evento Corpocidade. Apesar da curta distância temporal, nos primeiros anos 2000 o contexto político-institucional no Brasil sugeria abertura ao porvir, e as cidades olhadas por essas lentes, viviam essa efervescência. As experiências urbanas propostas ao Corpocidade por artistas e pro-

fissionais diversos, amantes da rua, queriam desmontar a lógica espetacular que capturava a vida de todos nós cidadãos, transformando o espaço em cenários, onde tudo parecia levar para a desconexão entre a vida vivida e o ideal-espetacular, apresentado como espaço/produto de separação. O conceito de “CorpoCidade”, apresentado por Fabiana Britto e Paola Jacques, operava esse alinhamento contínuo, corpo e cidade em coprodução rasgando o cenário espetacular, e nessa fenda, devir. De lá para cá (2000-2020) estranhávamos algumas palavras, modos de fazer e pensar. O discurso sobre o corpo na cidade, no início dos 2000, aparecia sem gênero, cor, e com poucos elementos de situação, mas aparecia como reivindicação de sua existência, de sua parte na composição da cidade. Jocosamente, em uma mesa de debates do primeiro evento Corpocidade, o professor, pesquisador, arquiteto/urbanista Pechman trazia a ideia: “quero propor para vocês que façamos de um IPHAN do corpo”⁸, como manifestação indignada pela diferença de abordagem e preocupação acadêmica em relação a preservação da memória quando se trata de prédios e monumentos, e o pouco caso em relação aos corpos-sujeitos na cidade.

Esses corpos-sujeitos de que se reclamava a presença no pensamento e na história das cidades aconteciam nas primeiras Redobras, que nasciam junto ao Corpocidade. Nessas publicações o encontro durava através das reflexões teórico-conceituais e também dos relatos das experimentações vivenciadas por oficinas e participantes das oficinas/performances/intervenções, acontecidas durante o evento. Escritos em primeira pessoa, com uma linguagem muitas vezes pouco reflexiva, porém comprometida com um registro da experiência desse limiar, dessa formação que acontecia/performava/existia provisoriamente.

A cidade inscrita nos corpos, como escreve Margareth Pereira, uma das idealizadoras do evento Corpocidade, aparecia lusco-fusco em percursos planejados para falhar, derivas jogando bola, percorrendo o Subúrbio de trem, na barca entre Rio-Niterói, na instalação de uma lona amarela no Museu de Arte Moderna e na experimentação do espaço-corpo através dela. Cidades emergindo desenhadas nos corpos em *relação*. A grande chave das primeiras Redobras estava na coprodução da cidade através das relações entre corpos, as artes-cidade como meio relacional, nas palavras do editorial de seu terceiro número (2008):

[...] os corpos urbanos redefinem os corpos artísticos, ampliando ações e tecendo outros nexos. Entender um pouco essa dinâmica é o que pretende a [des] dobra desse mês, pois objetiva provocar nosso olhar para as trilhas orgânicas da arte no e pelo urbano. Uma organicidade que se revela, de outros modos, na relação corpo e cidade, e não somente na mera analogia e no bom trocadilho (A Cidade, 2008, n/p).

Essas narrativas, bem como os relatos de experimentações na cidade foram se tornando raras nas revistas mais recentes. Esse também era o conteúdo dos frag-

mentos que ficaram de fora da mesa de montagem, como sobra sem cabimento, um resto que ficou empilhado no canto da mesa. Resolvemos dar atenção justamente a esse ponto do acervo que estava sem lugar e parecia tensionar o sentido de todo resto. Aquela escrita trazia uma dimensão de processo e de uma temporalidade fugidia, apresentando um certo inacabamento que a escrita acadêmica em geral trata de limpar.

Nos perguntávamos até que ponto essa dimensão das narrativas processuais, vivas, acontecendo na cidade, poderiam habitar formas de fazer pesquisa, habitar a escrita acadêmica, e o fazer da história. Em nossa pesquisa, escutar os silenciamentos (muitas vezes produzidos no processo mesmo da pesquisa) do acervo foi se tornando um método de trabalho.

Não por acaso, estando submersos na experiência da pandemia e deparando-nos com o material dessas primeiras Redobras e do Corpocidade, repletos de vida pulsando, nosso grupo de *whatsapp* passou a se chamar Arquivo Vivo. Vivo era mais que uma brincadeira com o arquivo morto, era uma vontade de estar na cidade, ser afetado pela diferença e pelo inominável que habita o concreto da rua. O vivo como insistência, como o que não tem cabimento. A palavra *vivo* fricciona a palavra *arquivo*, e a coexistência dessas duas palavras nos clareou o fato de que fazer “arquivo”, para nós, significava organizar uma produção material do grupo, seus textos, teses, dissertações, livros, seminários, colóquios, encontros, mas era também produzir cortes nesse acúmulo. Fazer arquivo nessa pesquisa sempre foi ser olhado por essa materialidade que não queria estar pronta, e de certa forma, sempre esteve em luta contra essa estagnação de si mesma, em luta contra o próprio arquivo. As inquietações de um grupo de pesquisa que quer trabalhar com o vivo, dessa e de outras temporalidades, se atualizava nessa pesquisa-sintoma. Tínhamos um acervo, que era nosso universo-problema, do qual nos aproximávamos com certa familiaridade, mas com um olhar (des)organizador, com uma lente que contemplava o estranhamento que a atualização promove.

191

ESTUDOS SOBRE ARQUIVO

No ano de 2019, a pesquisa Arquivo_Laboratório Urbano buscou fazer um percurso sobre noções de Arquivo, trazendo a diversidade de referências dos pesquisadores que a constituíam naquele momento, através de Mignolo (2014), Padilha (2012), Didi-Huberman(1998), Foucault (2008), Imarisha (2016), Seligmann-Silva (2014), De Certeau (2015), Teixeira (2019), Shohat e Stam (1994). Líamos e discutíamos os textos durante as reuniões semanais. A transcrição dessas reuniões, em forma de ata, formou uma espécie de arcabouço teórico para um entendimento comum, porém plural, da noção de arquivo que o grupo carregaria para se relacionar com a produção do próprio Laboratório Urbano nos momentos seguintes da pesquisa.

O entendimento de arquivo necessariamente passa pela compreensão da temporalidade em que o arquivo é constituído, em suas dimensões política, cultural e social. Zermeño Padilha (2012), por exemplo, busca uma interseção entre arquivo e historiografia. Em seu texto *De viaje tras el encuentro entre archivo e historiografía*, a história é mobilizada como investigação do passado e o arquivo como testemunha de tempos passados ou sítio privilegiado da memória — uma evidência que está aí para ser consultada, um espaço, em parte imaginário, em parte localizável, em que foi depositada a palavra acordada, o compromisso estabelecido, estando revestido portanto por um valor jurídico. Zermeño defende que o arquivo traz dentro de si uma conexão explícita com a temporalidade, em que cada ato instantâneo de arquivamento é fundamentalmente feito para o futuro, o que faz emergir uma perspectiva temporal de atualização do arquivo.

O arquivo, como enuncia Foucault (2008), não remete à estrutura material onde estão guardados todos os textos, imagens e documentos, mas como um sistema de enunciados composto de heranças e esquecimentos que permite atualizar as diferenças. Sua argumentação se baseia na ideia de que o conhecimento não é uma estrutura objetiva e universal, mas sim uma construção social e histórica que está intrinsecamente ligada ao poder. Ele se concentra em como o conhecimento é produzido, disseminado e controlado em diferentes períodos e discursos. A imagem da máquina de escrever, trazida em *A arqueologia do saber*, ajuda a compreender o enunciado e sua diferença em relação aos signos: em uma máquina de escrever, as letras estão dispostas e isso não necessariamente são enunciados ou discursos, mas sim um agrupamento de signos. No entanto, se alguém pega um papel e começa a copiar na mesma ordem as teclas de um teclado, isso seria um enunciado, pois no momento em que você copia, está fazendo uma coisa que já tem uma referência, então é um discurso que enuncia: “isto aqui é uma cópia da ordem das letras de um teclado”. Todo enunciado tem regras de enunciação que organizam seus signos. Se mudam a ordem dos signos, o enunciado deixa de ter sentido. Portanto, o ato de organizar os signos lhes dá sentido e os torna enunciados. Nesse sentido, não há enunciados independentes ou livres.

Foucault (2008) propõe uma análise crítica dos discursos e práticas que moldam o conhecimento, revelando suas relações com o poder e desafiando as estruturas dominantes de poder e saber. O conhecimento, portanto, é moldado por meio de formações discursivas, que são conjuntos de regras, convenções e práticas que determinam o que é dito, como é dito e quem tem autoridade para dizer. As formações discursivas, portanto, são específicas de cada época e campo de conhecimento, e estabelecem os limites do que é considerado *verdadeiro* ou *científico* em determinado contexto, conformando assim, um arquivo. Elas se organizam em uma figura única, entrando em convergência com instituições e práticas que carregam as significações e podem ser comuns a uma época. Em outras palavras, existem regras sobre o que pode ou não ser dito, e isso tem a ver com as disciplinas,

tradições e repetições. Dessa forma, escrever um conjunto de enunciados, ativados pelos discursos, não é descobrir a origem de quando o enunciado foi inventado. É, na verdade, se referir ao acúmulo de enunciados e de repetições.

Esse conjunto de sistemas que organizam os enunciados é o que Foucault chama de arquivo. O arquivo não é um lugar, mas o sistema que organiza o discurso. E Foucault, assim como nós enquanto grupo, estava interessado nos enunciados à procura de sua dispersão, suas falhas, suas faltas.

Georges Didi-Huberman (1998), em *O que vemos, o que nos olha*, expõe uma perspectiva que nos permite encarar o arquivo como uma ausência que é fundante. Didi-Huberman vai trabalhar a ideia de que todo objeto material nos interessa enquanto resto, enquanto objeto de uma ausência, enquanto uma representação mental. Nesse sentido, a materialidade do arquivo interessa enquanto essa imagem que se funda a partir do real. Ao evocar o conceito de imagem, portanto, está se referindo a essa imagem mental rasura do objeto em si que está sendo visto. O objeto vira uma ruína mental produzida pela imaginação. Quando essa imagem toca o real de uma época, ela apresenta algo que arde, algo ardente⁹. Há, portanto, uma construção politizada da imagem que relaciona a imagem ao real. A imagem, entretanto, não é facilmente lida e associada, é preciso que se dê a ela, o tempo do entendimento. Como ela é sempre politizada, existe uma defasagem em relação ao tempo em que ela é vista. Ela é atualizada no momento em que se vê, mas é necessário sempre adicionar uma dimensão temporal, um ponto que toca tanto a história como a memória, um fluxo incessante e atualizante. A imagem traz essa ideia de algo vivo que pode ser lido a partir do tempo de hoje. A imagem *arde* quando ela consegue, nesse processo de atualização, tocar um coletivo. Identificar uma imagem que toca o coletivo é um trabalho de leitura de imagem, um esforço de ler imagens e saber olhar e discernir o lugar onde e quando a imagem *arde*. Nesse sentido, a ardência da imagem pode ser algo de uma época que foi deixado de fora do arquivo, mas que se torna latente e se atualiza em uma época posterior.

Tomando como pressuposto que os arquivos são construções de poder-saber, Márcio Seligmann-Silva propõe a ideia de anarquivamento, partindo do entendimento de que o arquivo é também uma espécie de violência. A partir do momento em que se decide como as coisas irão existir para além de nossa época, estamos declaradamente deixando para trás muitas outras coisas. O anarquivamento se constitui, então, como uma forma de agir desconfiando dos arquivos, a fim de desfazer a naturalização da ordem de como as coisas foram arquivadas. Esse movimento é gerido desde o início do século XIX com o romantismo, onde os artistas se tornaram anarquivadores, anarquizadores do arquivo. Faziam essa escova a contrapelo da história a partir de outros discursos que não estavam no arquivo, que estavam propositalmente fora, uma “revolta contra a ação da norma e sua tendência a redu-

zir tudo ao(s) arquivo(s) do poder (...) os artistas vão embaralhar os arquivos, vão pôr em questão as fronteiras, vão tentar abalar poderes, revelar segredos, reverter dicotomias, para as explodir” (Seligmann-Silva, 2014, p. 38).

Os anarquivadores são vistos pela figura do anjo da história, de Benjamin, que estão tentando ver os pedaços, restos de histórias que não entraram nos arquivos. Há, nesses artistas, o movimento de anarquivar para (re)coleccionar as ruínas dos arquivos e reconstruí-las de forma crítica. Um gesto de reconstrução do mundo a partir do trabalho com arquivos. Assim também podemos pensar nas figuras evocadas por Walter Benjamin para trabalhar com a historiografia: o colecionador e o trapeiro.

O colecionador, cuja ação descontextualiza os objetos para inseri-los em novas ordens, as quais serão montadas a cada vez, por cada *tempo presente*; por outro lado, era inspirado na figura do catador, que se volta para o esquecido, o considerado inútil. Deste modo, o colecionador deixa que as coisas se expressem por si, sem o véu da tradição, lança luz no que foi descartado pela história oficial, tensionando o discurso hegemônico. O trapeiro, por sua vez, é uma figura usual na Paris do século XIX, uma metáfora de um colecionista que recolhe os restos, os farrapos de cada época. Seu modo de atuar revela que é precisamente a razão pela qual os restos foram descartados e largados ao esquecimento, que os faz tão importante. Entender a razão de determinados aspectos a serem escolhidos para ficarem esquecidos, de maneira intencional ou em acordo tácito, nos convoca a usar/criar outras estratégias e metodologias de historiografia, considerando camadas de disputas, redes, contextos, muito diferente da platitude da História.

O ato de nos debruçarmos reiteradamente sobre esse arquivo em feitura contínua nos coloca o desafio e ao mesmo tempo a liberdade de escolher quais aspectos queremos trabalhar, quais temas, gestos, práticas valem a pena trazer para a atualidade. Temos, a cada momento, um método diferente para olhar e organizar as informações, assim como participantes diferentes na composição do grupo de pesquisa. Além da falta comentada anteriormente, aquela fundante de qualquer arquivo, nos deparamos com outra espécie de falta, que tem a ver com quase uma inacessibilidade.

À BEIRA DE UM ABISMO

Nos últimos anos, a dificuldade em acessar o acervo do grupo de pesquisa foi uma constante na trajetória da pesquisa Arquivo_Laboratório Urbano. Primeiro, houve a destruição do banco de dados recém criado, com a extinção da planilha que continha a tabulação do acervo textual (artigos, teses, livros publicados pelo laboratório e seus integrantes). Essa planilha dinâmica que foi feita a partir da leitura dos resumos e da bibliografia desta produção textual, cartografando permanências e rupturas nos primeiros 17 anos do Laboratório, depois se perdeu no mundo digital – como tudo tende a se perder, sobrando só um vestígio, recuperado par-

cialmente. A ruína da planilha ainda guarda a memória dessa produção da pesquisa Arquivo, principalmente na forma de marcadores. Para além da planilha, houve a diáspora dos equipamentos e a inacessibilidade dos meios digitais de salvaguarda dos registros. Computadores, drives e HDs indisponíveis, transferências de armários, de salas. Nuvens digitais cujas senhas nos eram alheias, vídeos ocultos na página do *youtube*. . . A partir da pandemia do novo Coronavírus, em 2020, a ausência e inacessibilidade do acervo foi sentida em todas as etapas de elaboração da pesquisa. Estávamos em meio à desordem, em busca de dar ordem para um arquivo que não se apresentava. Estávamos à beira de um abismo:

*De facto, o que é esta coleção senão uma desordem na qual o hábito se instalou de tal modo que ela pode apresentar-se como ordem? Já ouviram falar de pessoas que adoecem pela perda dos seus livros, e de outras que para os adquirir se tornam criminosos. Nestes domínios, **toda a ordem mais não é do que um estado periclitante à beira de um abismo**. ‘O único conhecimento exacto que existe’, disse Anatole France, ‘é o do ano de publicação e do formato dos livros’. De facto, se existe um contraponto para a desordem de uma biblioteca, é o da ordem do seu inventário (Benjamin, 2018, p. 209, grifos nossos).*

A figura do colecionador emana nesse sentido como o fazer que tenciona ordem e desordem, nos trazendo a sensação de entrar em contato com algo pouco explorado, desconhecido, e que faz emergir outras relações com o objeto estudado. Qual perigo estamos correndo ao propor um ordenamento outro no arquivo? Seria essa inacessibilidade com o arquivo do Laboratório Urbano uma espécie de estado *à beira do abismo*?

195

ASSOMBRAÇÃO DO ARQUIVO

[aqui] o suporte do arquivamento é outro. É, portanto, desse corpo individual, coletivo, que não é homogêneo, corpo em conflito, confronto, mas também encontro” (Margareth Pereira, 2021)¹⁰

Em 2022, o Laboratório Urbano completou vinte anos de existência. Para celebrar a data, o grupo promoveu uma série de atividades comemorativas intituladas Jornadas Experimentais¹¹. Dentre tais atividades, o lançamento do livro *Laboratório Urbano: pequeno léxico teórico-metodológico* — um esforço coletivo do Laboratório em constituir um mapa aberto, fragmentário e incompleto, para percorrer por entre algumas palavras trabalhadas ao longo dos anos em grupo, selecionadas a partir de cartografias elaboradas cronologicamente pela pesquisa Arquivo —; e a exibição de uma montagem audiovisual feita durante a mesa de abertura das Jornadas Experimentais 1, intitulada *Arquivo Laboratório Urbano*¹².

Entre 2021 e 2022, a pesquisa Arquivo realizou uma série de entrevistas com membros atuais e egressos do grupo¹³. O intuito era o de, ao final do processo, montar um documento em vídeo para a referida celebração dos 20 anos nas Jornadas Experimentais. O desafio de produzir arquivo a partir de algo muito próximo estava posto. Nós, o Arquivo Vivo, buscamos com o registro das entrevistas reunir memórias, relatos, diferenças, como quem coleta fragmentos para provocar emergências, instaurar algo através dos trânsitos de memórias, de idéias, dos choques de tempos, interesses de pesquisa e trajetórias daqueles que fizeram e fazem parte do Laboratório Urbano.

Os entrevistados foram convocados para participar de uma reunião organizada de forma remota. Reunidos com a equipe do Arquivo Vivo, eram convidados, através do método de entrevista em profundidade não estruturada, a descrever suas memórias de envolvimento, relação e participação com o grupo. As entrevistas-relato duraram cerca de duas horas cada, em média. A partir do que emergia nos relatos, questionamentos sobre os eventos, pesquisas específicas, noções e conceitos utilizados e momentos da cronologia do Laboratório Urbano eram realizados pela equipe da pesquisa Arquivo. O que nos interessava não era a precisão; mais do que a confirmação de eventos, datas e acontecimentos, o que nos interessava ao longo do processo era mapear a memória, a experiência, os interesses e os afetos desses pesquisadores durante sua trajetória no e com o grupo.

196

Ao todo, foram registradas por volta de 35 horas de entrevistas. Para a elaboração do vídeo exibido nas Jornadas Experimentais 1, fizemos uma pergunta para este material que construímos — um acervo recém-constituído assombrosamente extenso e rico —, e a resposta resultou em uma das muitas configurações possíveis de montagem. Entendemos que podem ser feitas várias perguntas para este acervo. É possível acessá-lo com as mais diversas intenções. Para a montagem em questão buscamos apresentar o Laboratório Urbanos como uma polifonia de vozes. Cada escolha de fragmentos foi feita para produzir uma diferença a ser posta em relação uma com as outras, com o cuidado de não recair em uma abordagem memorialista. Uma operação delicada justamente por frequentar o desconforto de olhar para um grupo atuante, movente, a partir de um ponto muito próximo.

O processo de edição acabou por evocar outras imagens. Além das entrevistas, optamos por introduzir na montagem do vídeo algumas produções gráficas e experiências feitas pela pesquisa Arquivo ao longo de seus anos de atuação, assim como trechos do Corpocidade. O tatear no acervo se mostrou pulsante em possibilidades. O material das entrevistas, extraordinariamente vasto, nos atirava em várias direções.

Das experiências neste texto registradas, deixamos fragmentos de acervo. A ruína de uma planilha, uma cronologia, atas, imagens, horas de gravação. . . Como tudo isto irá existir para além deste período? O que a pesquisa Arquivo_Laboratório Urbano deixa como pergunta, enigma, provocação para o futuro, pode ser encapsulado na imagem de uma mensagem deixada dentro de uma garrafa, à deriva no tempo. Uma garrafa lançada para o futuro, mas com o poder de acertar também o passado. Há muito para quem ousar se aventurar nos acervos. E tudo poderá ser revirado, (re)embaralhado — desdobrado, redobrado —, pensado em relação aos tempos que ainda virão, aos caminhos percorridos pelo pensamento em nosso campo, ao que não podemos sequer imaginar do ponto em que estamos. Talvez de tempos em tempos a pesquisa Arquivo precise ressurgir, como uma assombração, reencarnada em outros pesquisadores e nas inquietações que motivarão suas pesquisas. Retornar para bagunçar os arquivos. Para que sigamos desconfiando deles, interrogando-os à luz dos diferentes tempos e configurações. ↪

NOTAS / REFERÊNCIAS

¹ Fala da professora Margareth da Silva Pereira (PROURB / UFRJ) em reunião coletiva do grupo de pesquisa Laboratório Urbano (PPG-AU / UFBA), em 11 de maio de 2021.

² O Laboratório Urbano é um Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq (DGP/CNPq) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG-AU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenado por Paola Berenstein Jacques.

³ Periódico acadêmico editado pelo grupo desde 2008. Disponível em: www.redobra.ufba.br

⁴ Dentre os eventos organizados pelo grupo, destaca-se a plataforma CORPOCIDADE — um “conjunto de ações e atividades desenvolvidas por artistas e pesquisadores, cuja atuação em diferentes campos de conhecimento, dedica-se a abrir frestas de interferência crítica nas atuais possibilidades de articulação entre

CORPO e CIDADE” (BRITTO, 2012, p. 3) —, realizada pelo grupo de pesquisa Laboratório Urbano – PPG-AU/FAUFBA em parceria com o grupo de pesquisa LabZat – PPG-DANÇA/UFBA. Mais informações: www.corpocidade.dan.ufba.br

⁵ Atualmente este acervo pode ser consultado — de forma parcial — através do site e da página de youtube do Laboratório Urbano. Disponível em: www.laboratoriourbano.ufba.br e [/www.youtube.com/channel/UCDzDGxOO8-XTYO-bRIg2p66Q](https://www.youtube.com/channel/UCDzDGxOO8-XTYO-bRIg2p66Q).

⁶ Datas de entrada dos atuais pesquisadores integrantes da pesquisa coletiva Arquivo Laboratório Urbano: Janaina Bechler (2017); Rafael Luis Silva (2019); Marcos Britto (2019); Agnes Cajaíba (2021); Maria Eduarda Azevedo (2021); Lucas Maciel (2021); Gábe Maria Pires (2021); Eliana Queiroz Barbosa (2021); e Francisco Rocha (2021).

⁷ Seligmann-Silva, M. 2010.

- ⁸ Relato de Robert Moses Pechman, / gravado em 29 de outubro de 2008, durante o evento CORPOCIDADE 1, Sessão Temática 1, na Escola de Dança - UFBA, Salvador. A fala pode ser observada no minuto 59:35 da gravação da sessão. Disponível em: https://youtu.be/6I0hfrklWF4?list=PLYrKhQc_lqzXkQkIs0sjUyUjdxLdlobif&t=3580. Acesso em: set. 2023.
- ⁹ Didi-Huberman, 2012.
- ¹⁰ Fala da professora Margareth da Silva Pereira (PROURB / UFRJ) em reunião coletiva do grupo de pesquisa Laboratório Urbano (PPG-AU / UFBA), em 11 de maio de 2021.
- ¹¹ Jornadas Experimentais 1: 20 anos, em outubro; Jornadas Experimentais 2: utopias e distopias urbanas, em novembro; e Jornadas Experimentais 3: temporalidades urbanas, em dezembro de 2022 — Salvador-BA.
- ¹² O registro da mesa “Arquivo Laboratório Urbano” — que inclui a exibição da montagem audiovisual mencionada. Disponível em: www.laboratoriourbano.ufba.br/?acoes=laboratorio-urbano-20-anos. Acesso em: 27 set. 2023.
- ¹³ A pesquisa Arquivo Laboratório Urbano entrevistou Adriana Caúla, Amine Barbuda, Clara Pássaro, Dilton Lopes, Eduardo Rocha, Fabiana Dultra Britto, Fernando Gigante Ferraz, Igor Queiroz, Janaina Chavier, Leonardo Vieira, Luiz Antonio de Souza, Margareth da Silva Pereira, Paola Berenstein Jacques, Pasqualino Magnavita, Rafael Luis Silva, Ramon Martins, Silvana Olivieri, Thais Portela e Washington Drummond.
- BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.
- BRITTO, Fabiana Dultra. Editorial. *Redobra*, Salvador, ano 3, n. 9, p. 3–5, abr. 2012. Disponível em: www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_editorial.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.
- CERTEAU, Michel de. *A Fábula Mística: séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as Imagens Tocam o Real. *Pós*. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204–219, nov. 2012. Disponível em: www.periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/download/15454/12311/42901. Acesso em: 28 set. 2023.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- IMARISHA, Walidah. *Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça*, Caderno de Oficina de Imagem Política. São Paulo: Fundação Bial de São Paulo, 2016. Disponível em: www.issuu.com/bienal/docs/walidah_imarisha_reescrevendo_o_fut. Acesso em: 28 set. 2023.
- MIGNOLO, Walter. *Activar los archivos, descentralizar las musas*.

Quaderns portàtils. Barcelona, n. 30, 2014. Disponível em: img.macba.cat/public/uploads/20140425/QP_30_Mignolo.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Sobre o anarquismo – um encadeamento a partir de Walter Benjamin. *Poiésis*, v. 15, n. 24, p. 35 - 58, dez. 2014. Disponível em: periodicos.uff.br/poiesis/article/view/22910/13487. Acesso em: 28 set. 2023.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Unthinking Eurocentrism: Multiculturalism and the Media*. New York: Psychology Press, 1994.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. *Real, simbólico e imaginário no ensino de Lacan: uma Maringá: Associação de Psicanálise de Maringá Ato Analítico*, 2019.

ZERMENO PADILLA, Guillermo. De viaje tras el encuentro entre archivo e historiografía. *Historia y Grafía*, México, n. 38, p. 13-57, jun. 2012. Disponível em: www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-09272012000100002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 28 set. 2023.

